EM QUESTÃO

Roni Lima, Léo Schlafman e Zuenir Ventura

O artigo que escreveu para o li-vro Libertários no Brasil, recentemente lançado pela Brasiliense, o professor Antônio Cândido diz que no seu tempo de moço usavase a palavra "anarquista" co-mo se usa hoje "subversivo", isto é,"para designar de maneira pejorativa as pessoas e os atos que questionam a ordem social". O "hoje" do mestre paulista se refere provavelmente aos anos 70. Nestes 80, a subversão saiu de moda, como palavra e como prática, dando lugar ao anarquismo ou à anarquia — que parece renascer através de uma crescente quantidade de livros e publicações sobre o tema e do aparecimento de movimentos como os darks e os punks, que revelam uma indisciplinada vontade anarquista. Isso ainda não é o suficien-

te para caracterizar uma onda anarquista num país que, nas primeiras duas décadas do século, podia ser paralisado como foi nas greves de 17 e 18 — por palavras de ordem que invocavam não Karl Marx, mas Mikhail Bakunin e Kropotkin. Às vésperas da instalação da Constituinte, o Brasil pode não estar anarquista no sentido mais restrito do termo, mas certamente está anárquico. É um país que parece ter sido descrito na música de Chico Buarque: "Que não tem governo, nem nunca terá/ Que não tem vergonha, nem nunca terá".

Essa bagunça que está aí não tem nada a ver com o anarquismo; isso é capitalismo – protesta José (Pepe) Antonio Dominguez, um intelectual anarquista diretor se é que se pode chamar um anarquista de diretor — da Univerta, uma universidade aberta que oferece cursos de economia, política e ciência a uma média de dois mil alunos

Pepe não quer que se confunda "não-governo", que é o que o anarquismo propõe, como "desgoverno", que, segundo ele, é o que existe atualmente.

De qualquer maneira, seja no sentido próprio, seja no figurado, o anarquismo virou um tema de discussão, principalmente a partir do momento em que o presidente Sarney considerou o empresário Mário Amato um discípulo distante de Bakunin. Marx, como se sabe, não suportava os pendores anarquistas de seus dois genros, os maridos de Jenny e Laura, e reclamava:

Longuet é o último proudhonista e Lafargue o último bakunista — o diabo que os carregue.

Mais de cem anos depois, Marx teria descoberto aqui que o último bakunista não é o seu genro, mas um empresário paulista, e que os textos do insubordinado rival estão mais na moda no Brasil do que os seus. Que o diga a L&PM, que os está lançando. Ele teria em suma a impressão de que este é um país tomado pela anarquia - como aliás teve essa impressão a revista inglesa The Economist. Em recente reportagem, ela prevê para nós um destino parecido com o da Itália, e lamenta: "Os recursos naturais e 135 milhões de carnavalescos anarquistas já deveriam tê-lo tornado um dos paí-

Mas não se é anarquista graças a Deus, e sim ao governo. Os "carnavalescos anarquistas" quando são chamados para dirigir alguma coisa, produzem a melhor festa do mundo. Que se experimente passar para o governo a organização da folia. Ele faria o que está acostumado a fazer com a coisa pública: um carnaval.

ses mais ricos do mundo.'

argumento.

— Saí da praia aos prantos relembra hoje Moema. — Realmente me sinto impotente diante dessa realidade absurda.

Mas há casos em que os PMs agem, o que também acaba não adiantando muito. No verão passado, a advogada Elô Lacê resolveu fazer valer seus direitos de cidada e, com determinação, enfrentou um bando de donos de cachorro na praia do Diabo, chamando a polícia. Os cachorros foram exoulsos, mas voltaram assim que os policiais se retiraram. A cena se repetiu por mais três vezes, até que os donos e seus cachorros se uniram contra ela. "É incrível", admira-se ainda hoje. "Todos os donos se uniram contra mim, dizendo que eu era uma déspota, uma histérica."

O caso foi parar na 13ª DP, não deu em nada e Elô tentou atrair outros interessados para propor uma ação popular contra o Estado, mas acabou desistindo da idéia. "É revoltante", lamenta. "A população também é completamente omissa, não reage e não faz valer os seus direitos." Ela acha que só mesmo punindo os infratores com pesadas multas, coisa que, no caso, a lei não prevê. E portanto uma lei para não ser cumprida.

A história do desrespeito ao direito alheio no Rio pode ser contada através do (mau) comportamento dos cachorros, ou melhor, de seus donos. Os cães cariocas fazem cocô nas calçadas com o mesmo despudor com que seus donos assistem à cena — tranquila e impunemente. Levar uma pazinha para limpar a sujeira, como se faz nos Estados Unidos, nem pensar. Por quê? Certamente porque não se conhece na história do Rio um caso de punição por esse ato incivilizado. Vá fazer o mesmo nas ruas americanas para ver o que acontece. O arquiteto brasileiro Edgar Gonçalves da Rocha, 39 anos, presidente do Iplan-Rio (Instituto de Planejamento Municipal), visitou há tempos um amigo em Nova Iorque, quando saíram para passear com o cachorro da casa. Edgar se espantou com a educação do animal: assim que pisou na rua, correu para fazer suas necessidades numa sarjeta com ralo junto ao meio-fio. O amigo explicou-lhe então o custo desse aprendizado. Na primeira vez que deixou o cachorro fazer cocô na

rua, uma vizinha o denunciou à polícia e ele teve que pagar uma multa de cinco dólares. Como bom brasileiro, reincidiu — pagou então uma multa de 20 dólares, mais uma advertência: na próxima vez o cachorro seria apreendido e só liberado com fiança. Dono e cachorro aprenderam. Morador de Ipanema, o arquiteto evita as calçadas para ir à praia como gosta, descalço. "Ninguém parece entender que essa sujeirada toda tem um custo social tremendo", raciocina Edson. "A Comlurb acaba tendo muito mais trabalho para limpar as calçadas." Sem falar que os garis em geral não têm condições de levar essa vida de cachorro.

O Rio mora sobre irregularidades: prédios acima do gabarito, coberturas clandestinas, imóveis registrados com área muitas vezes menor que a real, loteamentos clandestinos. Um exemplo: das 600 coberturas investigadas pelo Instituto de Planejamento do Rio de Janeiro (IplanRio) em Ipanema e Leblon, metade está em situação irregular.

Dos 75 bairros que já visitou há uma média de 8% de imóveis não cadastrados e de 30% a 40% de áreas de acréscimo (em imóveis já registrados) sem qualquer legalização - portanto à margem de qualquer taxação. Só Laranjeiras tem 19 mil 750 imóveis cadastrados e 1 mil 286 não legalizados... Segundo o presidente do Iplan, arquiteto Edgar Carvalho Rocha, alguns não se legalizam por causa da excessiva burocratização dos serviços públicos.

Em muitos casos, o infrator ainda tem a lei a seu lado, como a conhecida "mais-valia", que nada tem a ver com a de Marx. Criada por decreto do presidente José Linhares, em 1946, a "mais-valia" à brasileira permite que o proprietário legalize sua infração. É um recurso simples. Mesmo construindo no peito em área não permitida pelo Código de Obras, o infrator entra com processo de legalização e paga multa calculada pela multiplicação da área construída a mais pelo valor do metro quadrado do bairro. Como o metro quadrado para o cálculo é o VU da Secretaria Municipal de Fazenda, utilizado para cálculo de impostos, está sempre defasado em relação aos valores do mercado. Em Ipanema, por exemplo, o VU médio é de Cz\$ 4 mil 500, enquanto o metro quadrado médio do bairro já tinha atingido Cz\$ 32 mil em novembro do ano pas-

Mas há quem não esteja satisfeito. O vereador Alberto Garcia já apresentou um projeto propondo a eliminação da "mais-valia".

O arquiteto Roberto Gonçalves define assim o frenético e desordenado crescimento vertical do Rio:

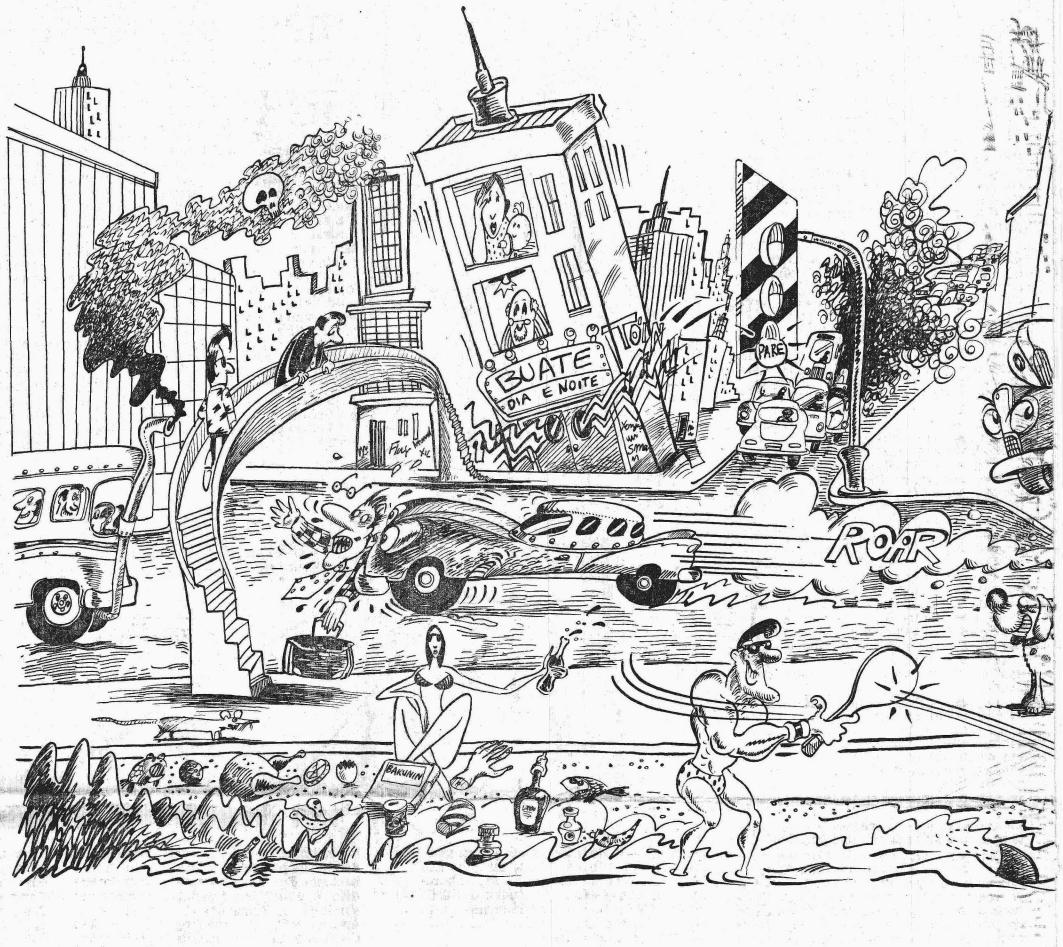
Desse jeito, daqui a pouco o Cristo Redentor vai ficar só de rosto de fora.

Há três coisas proibidíssimas pelo código de Posturas Municipais: o funcionamento de oficinas mecânicas nas calçadas, os vasos à mostra em janelas e os grampos em logradouros para impedir o acesso de carros. Mas são o que mais se vê nas calçadas do Rio, quando se tenta caminhar em paz.

 A colocação indiscriminada de grampos é um exemplo clássico da rebeldia do carioca às leis diz o secretáio municipal de Obras, Antônio Carlos Moraes. — Eles são extremamente perigosos para as crianças e pessoas idosas.

O Código de Obras permite apenas a instalação de jardineiras e frades para impedir o estacionamento de carros nas calçadas. Mas as multas, na maioria das vezes, são tão insignificantes, que os cariocas nem os preocupam com elas. Ter um vaso à mostra na janela só dá multa de um a 10 UNIFs (cada UNIF vale hoje Cz\$ 248,55).

Outro exemplo de desrespeito às leis é o dos restaurantes, bares e hotéis que avançam seus estabelecimentos calçada afora. Há uma taxa anual a ser paga, de Cz\$ 12,42 a Cz\$ 248,55 por metro quadrado, dependendo da região. Mas são poucos os estabelecimentos que registram o uso de calçadas. Registrados na Secretaria Municipal de Fazenda só estão 66 em Copacabana e três na Barra da Tijuca...



Cenas de uma cidade sem lei

comportamento, o Rio fornece do bom e do pior. Em termos de anarquia, dificilmente se encontrará no país exemplo melhor. Um pouco da cena carioca:

Por ser talvez o espaço mais democrático a que o carioca tem direito, a praia é hoje o lugar onde ele faz tudo a que não tem direito: cobre a areia com detritos e latas vazias, faz xixi dentro dágua, pratica esportes como vôlei, frescobol e futebol nos horários proibidos e. se não bastasse, ainda leva os cachorros para ameaçar a segurança e a saúde dos banhistas. Conhecidas por sua beleza e pela audácia dos corpos que exibe, as praias cariocas estão ficando famosas também pela má educação de seus frequentadores

— ou parte deles. Aparentemente, tudo isso acontece porque as praias seriam um território sem lei. Mas não são. Contra a presença dos cachorros e a prática de esportes, por exemplo, existe uma resolução de 1981, da antiga Secretaria de Segurança Pública, que prevê punição para os infratores. Além disso, costuma haver também muitos PMs. O problema é que tanto a lei quanto seus executores parece que existem para serem desrespeitados.

Há alguns anos, a banhista Moema Nunes tomava sol com seu filho de um ano e meio de idade, na praia do Diabo, no Arpoador, quando foi abordada por um desses indesejáveis frequentadores. Ele queria morder a bola do filho de Moema. Desesperada, ela apelou para o PM, junto do qual já estava a dona do cão. Depois de alguma discussão, a decisão da autoridade veio rápida. Ele resolveu expulsar da praia não o agressor, mas a quase vítima, com o seguinte

 A senhora tem que se retirar da praia com seu filho porque ela é mulher do homem. O "homem" era um general in-

fluente que morava no Arpoador.

JORNAL DO BRASIL

1012121 Tipos de ontem e de hoje

Segundo o presidente da Associação de Moradores da Praça Saens Pena (Tijuca) Vilmar Torres, isso ocorre porque os detentores do poder não são de dar exemplo: os crimes do colarinho branco nunca são punidos:

- Isso cria um sentimento de impunidade em toda a sociedade que acaba sendo incentivada a não ter respeito às leis.

Um caso envolveu a Associação de Moradores da Praça Saens Peña e o português Celestino Ribeiro Pereira, que construiu um restaurante no número 19 da rua Pinto de Figueiredo, quase esquina com a Conde de Bonfim, e avançou sobre uma área continua, de 480 m² (três vezes maior que seu terreno) remanescente das obras do metrô. Quando a Associação estranhou a derrubada do muro que separa os dois terrenos, Celestino declarou candidamente que fizera um acordo verbal com um secretário do governador para ceder o esqueleto do restaurante para a instalação de um comitê eleitoral em troca do direito de colocar mesas e cadeiras no terreno.

A questão parou na Justiça. Celestino perdeu e entrou num acordo com a comunidade: está urbanizando a área, que se transformará em pracinha com brinquedos. Dos males o menor: a pracinha acabará valorizando o restaurante.

Costuma-se dizer que o carioca diante de uma placa dizendo "é proibido cuspir no chão", cospe na placa. O Departamento de Parques e Jardins, segundo seu diretor, Sérgio Tabet, gasta "milhões de cruzados" anualmente na recuperação de parques e monumentos. Pisa-se na grama, picha-se estátua, poluem-se os chafarizes com detritos, acendem-se velas nas árvores. Para se ter uma idéia: dos 7 mil orelhões espalhados pelo Rio, a Telerj precisa consertar mensalmente 10%. Com um detalhe que dá para pensar: as depredações ocorrem nas áreas ricas. Elas chegam a quase zero nas regiões de favelas e conjuntos habitacionais.

Em termos de barulho, o Rio também é uma das cidades que mais desrespeitam as leis. Na Secre-

taria Municipal de Fazenda as reclamações vão desde um bar ou pagode com um som que incomoda a vizinhança, até os latidos de um cachorro. O barulho, de fato está na rua para quem quiser ouvir. As lojas de disco, que só podem tocar músicas em cabines especiais, violentam os tímpanos dos passantes, já violentados pelas buzInas e descargas dos automóveis e motocicletas. Só quem não ouve é o Detran.

O arquiteto Alberto Vieira de Azevedo, 52, presidente da Associação Brasileira de Acústica, fez algumas medições em vários trechos da cidade e constatou o que vem ocorrendo há anos: Copacabana e Botafogo são os bairros campeoníssimos em barulho. Em Copa, no quadrilátero formado pela Barata Ribeiro, Copacabana, Figueiredo e Santa Clara, o ruído, durante o dia, atinge 90 decibéis. Em Botafogo, na Voluntários da Pátria e São Clemente, principalmente perto da Estação do Metrô, o ruído anda na casa dos 92 decibéis. Para o ser humano, ficar mais de oito horas exposto a ruído com mais de 85 decibéis é um sério dano à saúde. Terá neurose, disfunções orgânicas e surdez.

Mas em certos lugares à noite ainda é pior. Por exemplo: na avenida Afrânio de Melo Franco, no Le-

 Isso é um inferno, uma balbúrdia - lamenta-se Célia Lima de Araújo, que mora em frente ao Scala. Por que não se queixar? — Eu não vou perder o meu latim e ainda correr o risco de ser debochada!

O Scala fica em frente à 14ª DP.

Mas o Scala não é o único exemplo. O Hippopotamus transforma seus arredores, incluindo a Praça Nossa Senhora da Paz, num inferno noturno: com carros buzinando e estacionando nas alamedas. O Calígola fez de outra praça, a General Osório, um igualmente ensurdecedor estacionamento noturno. E os bares e restaurantes dos Baixos Leblon e Gáve fizeram de suas vizinhanças um dos piores lugares para dormir.

Curiosamente, é comum ver "joaninhas" estacionadas diante desses bares e restaurantes. Em geral elas ficam o tempo que um de seus ocupantes leva para sair carregando sanduíches e refrigerantes.

Para definir o indefinível trânsito do Rio — um problema que mata o carioca diariamente - só os poetas. Manuel Bandeira costumava parar no meio-fio, segurar pelo braço o eventual acompanhante. olhar o carro que vinha e advertir: "Cuidado que ele já nos viu." Millôr Fernandes, por seu lado, também já definiu o motorista carioca: "Dirigir bem é ultrapassar devagarzinho o sinal vermelho." Atravessar a 100 quilômetros não é vantagem, todo mundo faz - até porque, como já recomendou uma autoridade policial, quem parar é assaltado. De todas as patologias urbanas que exibimos aos estrangeiros, o trânsito é a que faz mais sucesso. É inacreditável. Em nenhum lugar existe igual.

Lá fora - explica o especialista Celso Franco — "quem atropela um pedestre na faixa comete um crime inafiançável.

Aqui comete um feito: primeiro porque não encontra pedestre na faixa e segundo porque, na velocidade em que o motorista anda, nunca é apanhado. Os dois são igualmente indisciplinados: a diferença é que um mata e outro morre pela indisciplina. O motorista carioca transgride mesmo quando está parado - em geral em cima das calçadas -, e o transeunte desobedece até para pôr em risco a sua vida: ele passa embaixo da passarela e ao largo das faixas. À primeira vista, tudo isso acontece porque o motorista carioca é mal educado. Celso Franco acha que não.

Na Europa, o motorista anda direito não porque é educado, mas porque o pau canta.

Ele tem razão. Enquanto lá a repetição de uma multa significa a suspensão da carteira por seis meses ou mais, aqui a situação é a seguinte: um estacionamento proibido custa Cz\$ 32,83 — menos do que muitos estacionamentos regulares — e um avanço de sinal sai por Cz\$ 164,19. Tudo isso, claro, no oficial. No papo paralelo, sai pela metade, quase sempre menos: uma cerveja.

hoje que, por convicção ideológica, por acaso ou simplesmente por falta do que fazer, podem ser considerados anarquistas ou anárquicos. Para o leitor escolher:

Bakunin

presidente Sarney, quando acusou os empresários brasileiros de ser-"aliados de Bakunin", por pregar a "desobediência civil" (aumento não autorizado do preço das mercadorias), fez mais pela divulgação das idéias de Bakunin no Brasil do que quase todos os anarquistas da primeira metade do século e até os pequenos grupos isolados que subsistem até hoje no país.

Bakunin é aquele filósofo russo nascido em 1814 e morto em 1876 na Suíca que afirmou, numa de suas tiradas mais conhecidas, que "o impulso à destruição é também um impulso criador". E exatamente por sustentar que "a anarquia é a verdadeira revolução popular", ele foi expulso da Associação Internacional dos Trabalhadores por influência de Marx e Engels. Tinha mais de dois metros de altura, comia com apetite, fumava um cigarro após o outro, era capaz de conversar noites inteiras, devorava livros, bebia licor como se fosse vinho - enfim, era um homem que amava a vida e seus prazeres. Por seu livro Estado e anarquia, é considerado um antecipador dos tempos futuros: juntamente com Proudhon, intuiu a involução autoritária do marxismo ortodoxo e compreendeu a importância da intervenção da massa urbana na revolução. Ao contrário dos comunistas, pregava a intervenção apolítica e a destruição do Estado. À hipótese marxista de um período pós-revolucionário sob controle rígido (a ditadura do proletariado), respondeu que era "preferível o risco do caos".

Proudhon

francês Pierre Proudhon tinha 31 anos quando cunhou a sua fórmula famosa "A propriedade é o roubo", no livro Que é a propriedade?, editado pela gráfica de que era proprietário. Mais tarde, ele próprio corrigiu a fórmula para "propriedade é liberdade", seguindo o raciocínio de que a terra não é de ninguém, mas a posse de uma parte do solo se justifica com a condição de que o seu possuidor trabalhe nela para tirar o seu sustento. O pequeno proprietário não é um ladrão; admite-se a propriedade par-celada e seu correspondente industrial: o pequeno ateliê.

É considerado o mais original entre os escritores socialistas do século XIX, um estilista, um dialético formado pela leitura de Hegel. Para ele, a igualdade é a lei suprema da sociedade. A solução está na organização de um sistema de crédito gratuito, gerador de um verdadeiro "organismo econômico no qual se dissolverá o poder do Estado". A marcha para a igualdade na anarquia não exige perturbação social e deve se fazer dentro de um espírito de conciliação - e aqui começa sua discordância com Marx, pois Proudhon não acreditava que a classe operária pudesse constituir a base de um poder.

Thoreau

OGO na primeira frase de seu ensaio A desobediência civil, publicado há 137 anos, Henry David Thoreau já afirma que concorda com a máxima de que "o melhor governo é o que governa menos". Mas antes mesmo de concluir o primeiro parágrafo diz que "o melhor governo é o que não governa de maneira nenhuma".

Thoreau, nascido em 1817, foi um pensador político original quando rompeu com a civilização e se internou nos bosques de Concord, Massachusetts, onde ergueu uma cabana, com janelas sem cortinas e porta sem fechadura. Ali viveu dois anos e dois meses em contato com a natureza, pensando e escrevendo. Ele, que jamais gostou de doutrinas, interrompeu a experiência por achar que a repetição não tem sentido num mundo de infinitas possibilidades. Em julho de 1846 passou um dia na cadeia por se recusar a pagar imposto: não queria contribuir para um Estado que fazia guerra contra o México e mantinha a escravidão. Foi solto porque sua tia pagou a fiança. Em A desobediência civil critica a máquina governamental, a tributação, as leis iniustas e o domínio do Estado sobre o indivíduo. A maior das influências exercida por Thoreau, nos anos que se seguiram, foi sobre Gandhi e seu movimento de resistência. Mas seus livros foram mais além, influenciando nos Estados Unidos as manifestações beatniks e hippies dos anos 50 e 60 e os movimentos pacifistas e ambientalistas do mundo inteiro até

Amato

UANDO Mário Amato, presidente da Quando mario mando, productivas de Fiesp (Federação das Indústrias de In São Paulo) afirmou logo depois de uma audiência com o presidente Sarney, no mês passado, que o congelamento dos preços poderia se generalizar em "desobediência civil", recebeu logo depois o troco do próprio presidente. Sarney disse que os defensores dessa posição "passam a ser aliados daquela coisa do século passado, que é o Bakunin". Nem uma coisa, nem outra. Nem a pressão pelo aumento de preços pode ser comparada à anarquia de Bakunin (quando muito ou é especulação ou é uma reação das forças de mercado num estado capitalista), nem Amato tem um perfil semelhante ao de Bakunin.

orelhas do presidente, que jamais pregou a desobediência civil e que sua vida foi toda ela "dedicada ao trabalho e à defesa do estado de direito". Amato assumiu a presidência da Fiesp, como candidato único, em substituição a Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho. Há mais de 30 anos dirige o Sindicato das Indústrias de Cortica de São Paulo. Como empresário, tem vocação para o sucesso: faz parte da Amorim & Coelho (maior fabricante de cortiça da América Latina), Holstein Kappertidan (equipamentos de indústrias de bebidas), Springer-Carrier (equipamentos de refrigeração) e Springer-National (televisores, vídeos e componentes eletrônicos). Nada menos anarquista.

Pepe

OSÉ Antônio Dominguez, o Pepe. único remanescente de um grupo de 12 organizadores da Univerta, a Universidade Aberta, no Rio, é filho de um espanhol que ouviu falar em prefeito pela primeira vez ao chegar ao Brasil, porque a aldeia em que morava funcionava na base da organização espontânea do trabalho. É um dos poucos anarquistas confessos existentes no Rio.

Pepe estudou economia até o terceiro ano e acabou não se formando em nada. Fez teatro ligado a crianças (nunca profissionalmente), esteve na Inglaterra e retornou ao Brasil quando se esboçou a anistia, para trabalhar com a idéia da Univerta. Adverte logo que não se pode associar anarquismo a bagunça.

O Estado, segundo Pepe, é uma formação artificial, montado sobre um projeto de opressão. Pepe é contra a propriedade privada e nega que alguém possa representar alguém: quando um operário é eleito para um cargo representativo, começa a defender seus próprios interesses, em detrimento dos interesses de quem o elegeu. Mas o anarquismo, diz Pepe, é uma teoria ainda não revista à luz do caos que o capitalismo moderno criou: na Guerra Civil Espanhola, os anarquistas tomaram várias cidades, entre elas Barcelona, e não souberam resolver a questão de como governar.

Lembra que em Berlim é possível viver sem passar pelas instituições do capitalismo, tal a organização dos alternativos e a ideologização do trabalho: lojas alternativas, imprensa alternativa e até bancos alternativos. No Brasil, segundo Pepe, o que está acontecendo é que a anarquia (e não o anarquismo) reinante é fruto de um capitalismo mal-administrado, selvagem e inadministrável neste momento.

Pichador

LE pichou três vezes em 1984 os mu-ros da 20º Delegacia Policial, em Vila Isabel, pelo puro prazer de provocar a polícia em sua própria casa. A motivação ideológica do auxiliar administrativo Acácio A.M.F., 24 anos, e sua gangue de pichadores tijucanos (a maioria menores de idade) pára aí. De resto, qualquer discípulo do anarquismo ficaria irritado ao saber que em 1985 a gangue se atrelou, por pouco dinheiro, à campanha do candidato chaguista Jorge Leite à prefeitura

A marca de Acácio é A.D. com um raio desenhado. Sua vocação de pichador surgiu por acaso, em 1982, com as sobras de tinta que decoraram o bairro na Copa. Descobriu "a liberdade de criar, de ter um espaço público". Sua carreira oficialmente acabou no ano passado por outra fatalidade: vendeu a bicicleta e arranjou namorada. Mas a gangue continua, em ação clandestina, de madrugada. Todos de bicicleta e spray na mão.

A maioria dos pichadores ataca no subúrbio. Em Realengo, há a gangue VR (Vândalos do Realengo) e a gangue Nazista, nome escolhido "porque é do contra, ninguém gosta", explica Sínyko,um de seus pichadores.

Lobão

o roqueiro João Luís Woerdenbarg tem 29 anos, "onipotência epilética" e o singelo apelido de Lobão. Apesar de seu nome real sugerir algum desconhecido companheiro de Marx do tempo da Gazeta Renana, este filho de holandês tem uma postura política (no sentido do "tudo é política" de Lênin) muito mais próxima da de Bakunin.

Lobão, originalmente baterista, tocou com muita gente boa, mas, tanto quanto seu som, o grande Lobo é sempre lembrado por suas tiradas anárquicas e cortantes: Lobão é o lobo dos homens mediocres. "Sou brasileiro antes de tudo porque nasci aqui e sou honesto porque estou destilando a cultura que eu digeri. Eu seria hipócrita se estivesse tocando partido alto ou música rural, eu não vivenciei nada disso". Para ele, viva a dife-

Semana passada, na hora de votar para Secretário de Cultura na enquete do BEspecial, Lobão disparou: "Detesto a Secretaria de Cultura e detesto o Moreira Franco" - e se absteve. Ele também não é tanto anarquista (também detesta direitas e esquerdas) quanto anárquico. Numa entrevista ao Pasquim, em janeiro de 85, ao mesmo tempo em que dizia não querer um presidente (preferia um despachante), Lobão negava ser um adepto do anarquismo:

- Eu prefiro dizer que sou um adepto do desenvolvimento da telepatia.

No entanto, este leitor de Nietzsche, Bukowski e São Tomás de Aquino que disse usar tóxico porque gosta, em plena delegacia onde esteve detido por posse de drogas, e que prega "guerrilha cultural explícita", não se furtou a sugerir um modelo de anarquia:

— Ela poderia ser assim: eu mereço viver bem e isso contém o bem estar de